

# AZIMUTE DE MARCHA (\*)

Pelo Major J. Dias Campos Jr.

A direção para uma tropa que progride no decorrer do combate sendo de primordial importancia, afim de evitar a mistura ou a divergência dos elementos, faz com que todo chefe, em particular os dos escalões testa, tenha o maximo cuidado em sua conservação.

"A indicação da direção é completada pelo azimuth. A's vezes, na falta de pontos de direção característicos ou que possam ser vistos durante um percurso extenso, só se fornece à tropa esse azimuth". (R. E. C. I., II n.º 188).

Torna-se, pois, mister que os officiaes e os sargentos por menor graduação que tenham, estejam familiarisados com a leitura ou com o transpporte para a carta do azimuth de uma direção. Operações estas por demais simples, são no entanto causa de muita confusão e erro, dada a falta de doutrina ainda existente não só quanto ao sentido do crescimento, como em relação à origem dos angulos azimuthais.

## I — Definições necessárias.

AZIMUTE de uma direção é o angulo que esta direção faz com a linha Norte-Sul, tambem chamada linha meridiana ou simplesmente meridiana.

MERIDIANA é a intersecção do plano de um meridiano com um plano tangente à superficie da terra no ponto ocupado pelo observador. Este ultimo plano é o plano do horizonte no lugar.

Quando se considera uma porção restrita da superficie terrestre, pôde-se tomar a meridiana, como sendo a intersecção desta superficie com o plano de um meridiano.

MERIDIANOS são circulos cujas circumferencias passam pelos pólos e dividem a Terra em dois hemisférios: o oriental, do lado do levante, e o occidental, do lado do poente.

---

(\*) Notas escritas pelo Autor, quando instrutor da Escola Militar Provisória.

**PÓLOS MAGNETICOS e PÓLOS GEOGRAFICOS** — A Terra encarada como um grande imã tem os seus pólos magnéticos deslocados em relação aos seus pólos geométricos, ditos pólos geográficos ou verdadeiros. Isto faz com que a agulha imantada, sob a ação do magnetismo terrestre se coloque, quando suspensa em liberdade, em uma direção sensivelmente constante, a do meridiano magnético, diferente da do meridiano verdadeiro.

**DECLINAÇÃO** é o ângulo formado por estas duas direções, isto é, pela linha N.S. magnética com a linha N. S. verdadeira. A declinação é dita ocidental ou Oeste quando a ponta Norte (azul) da agulha está deslocada para Oeste da linha N.S. verdadeira; ela é dita oriental ou Leste, no caso contrário.

Quando o azimute é estabelecido em relação à linha N. S. geográfica, ele é chamado **AZIMUTE GEOGRAFICO** ou **VERDADEIRO**; quando estabelecido em relação à linha N. S. magnética é designado por **AZIMUTE MAGNETICO**.

## II — Sentido do crescimento dos azimutes.

Divergem os autores — podendo-se agrupá-los por nacionalidade — quanto ao sentido do crescimento dos ângulos azimutais.

Assim, os alemães e ingleses contam-nos a partir do Norte de 0 a 360°, no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio. É o chamado no sentido direto ou positivo e conhecido pelo indicativo NESO, uma vez que os ângulos crescem de Norte para Leste, Sul e Oeste. Este azimute tem a designação de azimute geodésico, por serem contados desta maneira em Geodesia os ângulos azimutais.

Os franceses contam-nos do Norte, de 0 a 360°, porém no sentido inverso ou trigonométrico; os ângulos crescem, por conseguinte, no sentido NOSE ou sentido contrário ao da marcha dos ponteiros do relógio. Eles chamam este ângulo de **ORIENTAÇÃO** quando despresam a convergência dos meridianos.

Os brasileiros que no levantamento expedito, segundo o método francês, preferem, como os americanos do Norte, no levantamento regular contar os azimutes de 0 a 90°, por quadrantes, a partir do Norte e do Sul para Leste e Oeste; dão-lhe, então a denominação de **RUMO**. Quando se lê o ângulo declara-se logo o quadrante; assim, 25° N. E. quer dizer que a direção é de 25° a partir do Norte magnético para Leste. Este modo de contar os azimutes é o empregado em navegação.



E para citar mais um processo, o universal utilizado pelos astrônomos: os ângulos crescem de 0 a 360°, porém a partir do Sul e no sentido dirêto.

\* \* \*

Em Aviso Ministerial de 11 de Agosto de 1921, o sentido do crescimento dos azimutes foi fixado no Exército Francês. Adotou-se então, como SENTIDO OFICIAL, o sentido direto ou NESO, os azimutes crescendo de 0 a 360°. Foi assim regulamentado o que desde a Grande Guerra já prescrevia o "Manuel du Chef de Section" e o que já era há muito usado na artilharia. Como esse novo sentido contrariava o que estabeleciam os autores civis, batizaram os militares ao novo ângulo, de ÂNGULO DE MARCHA.

A razão da preferência parece simples de explicar. A direção natural da progressão das tropas francesas, sendo para N.E., os azimutes de suas direções serão expressos no sentido NESO por valores numéricos pequenos compreendidos todos eles entre 0 e 180°, por conseguinte fáceis de serem transportados para a carta com uma simples aplicação do transferidor; evita-se com isso a desvantagem de um cálculo mental e de prováveis erros na verificação do suplemento a ser acrescentado a 180° afim de que se possa traçar a direção.

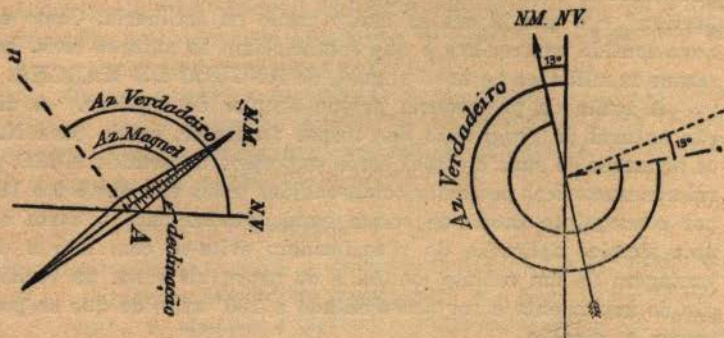
Não nos parece sólida a argumentação a que muitos se apegam para justificar o sentido determinado pelo aviso ministerial, como sendo o da numeração do fundo graduado das bússolas ou do limbo do transferidor. Quasi a totalidade dos transferidores, mesmo os de preço mais baixo, têm graduação dupla, inversa uma da outra; quanto às bússolas, a diversidade no gênero — umas com o limbo graduado no sentido NOSE, outra no NESO — bem justifica uma medida tendente à adoção, no Exército, de um tipo único.

\* \* \*

Transplantando o caso francês para o nosso meio, a posição geográfica do Brasil no continente indica que pela mesma razão — e isso sem contrariar a maneira de contar dos autores civis nacionais, no levantamento expedito que é essencialmente um levantamento militar — se deva fixar o sentido inverso ao da marcha dos ponteiros de um relógio ou sentido NOSE, como sentido oficial de crescimento dos nossos azimutes.

## III — Origem dos azimutes.

Se na carta podemos medir ao mesmo tempo o azimuth verdadeiro e o magnetico, no terreno sómente este ultimo pôde ser levado em conta. Com efeito, a indicação do azimuth de marcha sendo fornecida tendo em vista o seu uso no caso da região não apresentar pontos de direção característicos, ou que possam ser vistos durante um percurso extenso, ou ainda por ocasião do nevoeiro ou de noite, é somente com a ajuda da bussola que a progressão poderá ser feita.



Quem palmilha o terreno, guiado pela agulha imantada, pre-mido pelas circunstancias, com mil e uma preocupações, não se lembrará, na maioria das vezes, da declinação. E' diferente do chefe que, no seu P. C. mais à retaguarda, terá naturalmente mais raciocínio, mais calma e o Anuario do Observatorio mais ao alcance da mão.

E não é desprezível o erro cometido com o abandono da declinação.

Assim, aqui para o Rio, onde a declinação atual é de  $13^{\circ}$  W., o executante que no terreno tomar como magnetico o azimuth verdadeiro que lhe foi dado, irá gradativamente se afastando do seu ponto de direção de  $13^{\circ}$  para a esquerda. Isto significa — transformando os graus em milésimos ( $1^{\circ} = 18$  ml.) e tendo em vista que o milésimo é o angulo sob o qual se vê um metro a 1.000 metros de distancia — que a 1 m. do ponto de partida o executante já estará desviado da bôa direção de 234 ms. para a esquerda. Se a marcha se prolongar é evidente que o desvio crescerá proporcionalmente.



Portanto, desde que deva ser dado a um subordinado, o azimuth deve ser referido ao Norte Magnetico. O CHEFE DEVE SEMPRE FORNECER O AZIMUTE MAGNETICO DA DIREÇÃO DE MARCHA.

\* \* \*

Uma vez fixados esses dois pontos — sentido e origem — para a leitura de um azimuth é ainda necessario conhecer-se o tipo da bussola empregada, afim de se evitarem os erros decorrentes da falta de atenção no sentido da gradação do limbo.

#### IV — Classificação das busolas.

Atendendo a que nas busolas a unica parte que se póde considerar fixa é a agulha — pois ela conserva, quando em repouso e livremente suspensa, a direção do meridiano magnetico — a maioria dos autores classificam-nas em:

a) Busulas de limbo movel — as que têm a agulha independente do limbo;

b) Bussola de limbo fixo — nas quais o limbo faz sistema com a agulha.

E' facil de compreender que as primeiras são todas as que possuem o limbo solto da agulha e preso na caixa; nelas as gradações do limbo desfilam, quando se move a caixa, deante da ponta da agulha. Ao contrario, nas busulas de limbo fixo, este sendo solidario com a agulha fica firme, quando se move a caixa; é então um traço de referencia gravado nesta, e na direção da linha de visada, que vai desfilar diante do circulo graduado.

Entre as mais usadas, podemos citar como de limbo movel, a busola-alidade de PEIGNÉ e a busola diretriz ordinária; como de limbo fixo, a busola PLAN e as busolas prismaticas. A bussola BEZARD que gosa de bastante simpatia no Exército e que para alguns camaradas deve ser classificada à parte, em uma nova categoria, póde a nosso ver ser enquadrada ora numa ora noutra. Assim, se dispuzermos o seu limbo, que é articulado com a caixa, de maneira que o zero de sua gradação coincida com a referencia da caixa, ela funcionará como se fosse uma busola de limbo movel; se após cada visada, fizermos a coincidência, em direção e sentido, da linha de fé do limbo (linha N.S. ou 0-180°) com a agulha

imantada, e executarmos as leituras correspondentes na referencia citada, ella estará funcionando como se fosse um bussola de limbo fixo.

O quadro abaixo esclarece a leitura do azimuth de uma direcção AB, variando o tipo da bussola e o sentido da graduação do limbo.

Resultado do que acabamos de expor:

1) — A grande vantagem na utilização das bussolas de limbo movel, graduadas no sentido NESO (tipo PEIGNÉ ou a diretriz ordinaria), ou ainda das de limbo fixo, graduação NOSE (tipo BEZARD) quando se quer determinar o azimuth de uma direcção.

2) — A necessidade urgente de uma providencia do Ministério da Guerra, por seu órgão técnico o Estado Maior do Exército, em fixar:

a) — Para o azimuth de marcha:

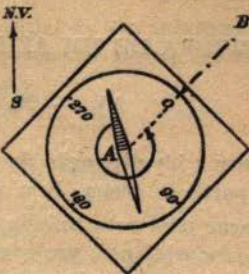
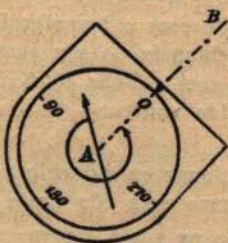
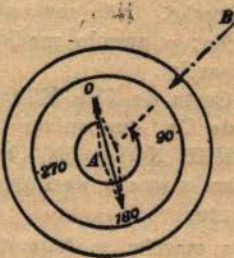
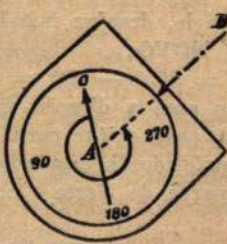
— SENTIDO OFICIAL DO CRESCIMENTO — o sentido NOSE ou inverso do movimento dos ponteiros do relógio, os angulos variando de 0 a 360°;

— ORIGEM — o Norte magnetico.

O azimuth de marcha seria então definido o azimuth magnetico da direcção de marcha. Caíria de vez o apelido de **angulo de marcha** com que alguns insistem em brinda-lo, pois não lhes assistiriam as razões francesas. Chamemo-lo de azimuth de marcha, sempre e sempre; é mais acertado, mais característico, e é regulamentar!...

b) — um tipo unico de bussola, para uniformidade e facilidade do ensino. Aconselharíamos entre todas, a bussola de limbo movel, graduação NESO: para os officiais, a bussola-alidade PEIGNÉ, de grande utilidade no levantamento expedito, pois, funcionando ao mesmo tempo como goniometro e como clinometro, dá com muita simplicidade e precisão os elementos para a determinação dos azimuths e das cotas dos diferentes pontos; para os graduados, em geral, a bussola diretriz ordinaria, de preço modico e de muito facil manejo.



Classifi- cação	Graduação do limbo	Tipo	Azimute de $AB = 300^\circ$	Leitura do azimute
LIMBO MOVEL	NESO	PEIGNÉ		Az. corres- pondente á divisão do limbo que aflora na ponta N. (azul) da agulha.
	NOSE	BEZARD — quando o zero do lim- bo coincide com a refer- encia da caixa.		Az. $= 360^\circ$ —leitura da ponta N. da agulha.
LIMBO FIXO	NESO	PLAN		Az. $= 360^\circ$ —leitura na referencia da caixa.
	NOSE	BEZARD — quando faz- se coincidir, após cada visada, o di- ametro N. S. do limbo com a dire- ção da agu- lha.		Az. dado pela divisão do limbo que aflora na referen- cia da cai- xa.

**V — Prática correspondente.****1) — LEITURA DE UM AZIMUTE****A) — Na Carta**

a) — Fazer a identificação do ponto de estação ou do qual se deseja fazer partir a tropa, bem como do ponto a atingir;

b) — traçar uma reta unindo estes dois pontos e, se na carta figurarem os meridianos, prolonga-la até a sua intersecção com um deles; caso contrário, pelo ponto de partida tirar uma paralela à direção N. S. verdadeira;

c) — medir com o transferidor o angulo das duas direções, fazendo a coincidência do seu centro com o vertice do angulo e da linha de fé com a linha N. S., contando a gradação a partir do N. no sentido contrario ao da marcha dos ponteiros de um relógio;

d) — adicionar ou subtrair ao angulo achado o valor da declinação, conforme esta fôr Leste ou Oeste, respectivamente.

**Nota** — Se na carta figurar a direção do N. M. simplificar-se-á a questão desde que se tire pelo ponto de partida uma paralela a esta direção. Não será assim, preciso entrar com o valor da declinação; o angulo medido pelo transferidor será logo o azimute de marcha.

**Exemplo:** Carta de Vila Militar, esc. 1:20.000.

Um Cmt. de Cia. que quizer fazer um pelotão seu progredir de Faz. ENGENHO NOVO (953.003) na direção de SERRARIA (940.006), sabendo que a declinação atual no Rio é de 13° W. obterá o seguinte:

Azimute de marcha = Azimute verdadeiro — declinação = 75° — 13° = 62°. Valor este que dará em sua ordem ao Cmt. do Pelotão.

Se, ao contrário, desejar faze-lo partir de SERRARIA para Faz. ENGENHO NOVO:

Az. marcha = 255° — 13° = 242°.

Neste ultimo caso a direção de marcha fica situada no 3.º quadrante; então, para evitar perda de tempo em uma aplicação superflua do transferidor à esquerda da linha N. S., afim de contar o azimute a partir do Norte e no sentido NOSE, toda vez que



a direção de marcha cair à direita de um meridiano, isto é, nos 3º ou quarto quadrante, iniciar logo a contagem de 180º a partir do SUL e no sentido indicado:

$$\text{Az. marcha} = (180 + 75) - 13^\circ = 242^\circ.$$

### B) — No terreno

Operação feita com a bussola:

— de LIMBO MOVEL — NESO ou de LIMBO FIXO — NOSE:

a) — Armar a tampa, se fôr o caso, e manter a bussola horizontal, de maneira que a linha 0-180º do limbo seja perpendicular ao peito, a divisão 180º do lado do corpo;

b) — fazendo sistema com a bussola, girar até que se tenha pela frente o ponto a atingir;

c) — utilizando-se das pinulas ou simplesmente da linha N. S. visar o ponto e ler a graduação que aflora na ponta Norte (azul) da agulha ou na referencia da caixa.

Com a bussola Bezard, haverá necessidade de se fazer primeiro a coincidência do zero do limbo com a referencia da caixa e, após a visada, da linha 0-180º do limbo com a direção da agulha, o zero da graduação correspondendo à ponta Norte; a leitura na referencia, dará o azimuth.

— de LIMBO MOVEL — NOSE ou de LIMBO FIXO — NESO:

O azimuth será obtido, operando-se de modo analogo ao que foi estabelecido linhas acima e, por fim, subtraindo-se de 360º o valor da leitura feita na ponta da agulha ou na referencia da caixa.

## 2) — TRANSPORTE DE UM AZIMUTE.

### A) — Para a carta

a) — identificar na carta o ponto de estação ou o ponto de partida da tropa;

b) — se este ponto não estiver situado sobre um meridiano, traçar por êle uma paralela ao meridiano mais proximo ou à seta indicativa da linha N. S. verdadeira;

c) — com o transferidor, centro no ponto de estação e linha de fé sobre a direção N. S., marcar na carta por um pequeno traço a graduação correspondente ao azimute de marcha, adicionado ou subtraído o valor da declinação conforme esta fôr Oeste ou Leste, respectivamente;

d) — uma reta unindo o ponto de estação ao pequeno traço marcado na carta dará a direção procurada.

Aplicam-se ao presente caso as considerações esplanadas na Nota referente à medida de um azimute na carta.

**Exemplo:** — Carta de Vila Militar — 1:20.000.

Um Cmt. de Pel. ao alcançar com sua tropa a Faz. ENGENHO NOVO (953.003), recebe do Cmt. da Cia. ordem de continuar a progressão segundo o Azimute de marcha =  $277^\circ$ .

Desejando verificar pela carta a nova direção ele, sabendo igual a  $13^\circ$  W. a declinação no Rio, obterá:  $271 + 13 = 290^\circ$ . Verá então que terá que tranpor o cólo das Cotas Gemeas (cotas 60 ao Sul do Morro do Periquito), passar pela garupa Sul de Cota 60 a S. W. de Carrapato e alcançar Cota 50 ao Sul deste ultimo morro.

### B) — Para o terreno

E' nesta operação que consiste a marcha com a bussola.

Bussolas de LIMBO MOVEL — NESO ou de LIMBO FIXO — NOSE.

a) — Manter a bussola como para a medida;

b) — fazendo sistema com ela, girar até que a graduação correspondente ao valor do azimute de marcha aflore a ponta azul da agulha ou a referencia da caixa;

c) — balisar por meio de acidentes notaveis, tais como arvores isoladas, postes, macegas, casas, etc., a direção indicada pela linha  $0-180^\circ$  do instrumento.

Para a bussola BEZARD, fazer a coincidência da graduação do limbo correspondente ao azimute de marcha com a referencia da caixa; girar até que a ponta Norte da agulhe aflore o zero da graduação.

— BUSSOLA DE LIMBO MOVEL — NOSE ou de LIMBO FIXO — NESO:



A graduação do limbo que deve aflorar na ponta azul ou na referencia é a correspondente ao valor obtido subtraindo-se de 360° o azimute de marcha.

\* \* \*

Para marchar segundo um azimute assim transportado, deverá o executante deslocar-se na direção de um dos pontos que serviram para balisar a direção, e nele chegando repetir a operação para a determinação de um novo ponto. Evitar frequentes paradas que trazem como consequencia o retardamento da progressão.

No caso de um obstaculo obrigar a desviar-se da rota seguida, procurar do outro lado um ponto facil de achar e na direção de marcha, afim de contornando aquele e junto a este ponto de reparo, se possa retomar a boa direção.

#### BIBLIOGRAFIA

MATHIEU — Précis de Topographie.

B. C. T. P. — Topographie.

SEIGNOBOSC — Topographie Générale.

PAES DE ANDRADE — Topografia Militar.

LANGLET — Topographie Elementaire.

REVISTA DIDATICA DA ESCOLA POLITECNICA — N.º 31.

COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA — Ficha n.º 6 da E.S.I.

ESPECIALISTAS EM  
MACHINAS LITHO-TYPOGRAPHICAS  
E INDUSTRIA DE CARTONAGEM

PRENSAS EXENTRICAS E A FRICÇÃO  
PARA METALLURGICAS

# Officina Mechanica Graphica Ltda.

São Paulo

Rua Americo Brasiliense, 250-270

Telephone: 2-9844

## Aços Roechling Buderus do Brasil Limitada

Rio de Janeiro

Rua General Camara n. 316  
Tel: 23-5732 - 23-0001  
Caixa Postal, 1717

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz n. 71/103  
Tel: 4-4144  
Caixa Postal, 3928

Porto Alegre

Avenida Julio de Castilhos, 265  
(Esquina da Praça Vis. R. Branco)  
Caixa Postal, 563 . Tel: 5059  
Endereço Telegrafico " OECHLING "

Medalha de Ouro Torino, 1911 — Grande Premio Rio de Janeiro, 1922  
Grande Premio Rosario de Santa Fé, 1926

Endereço Electr.: - "FRANBA"

Códigos:

Ribeiro - A. B. C. 5th - A. Z.

**SOCIEDADE**

Capital Rs.

AGENCIAS:

Rio de Janeiro, Minas Geraes,  
Paraná, Rio Grande do Sul,  
Bahia, Pernambuco e Pará.



PHONES 5 { 2 1 7 4  
2 1 7 5  
2 1 7 6

**ANONYMA**

10.000:000\$000

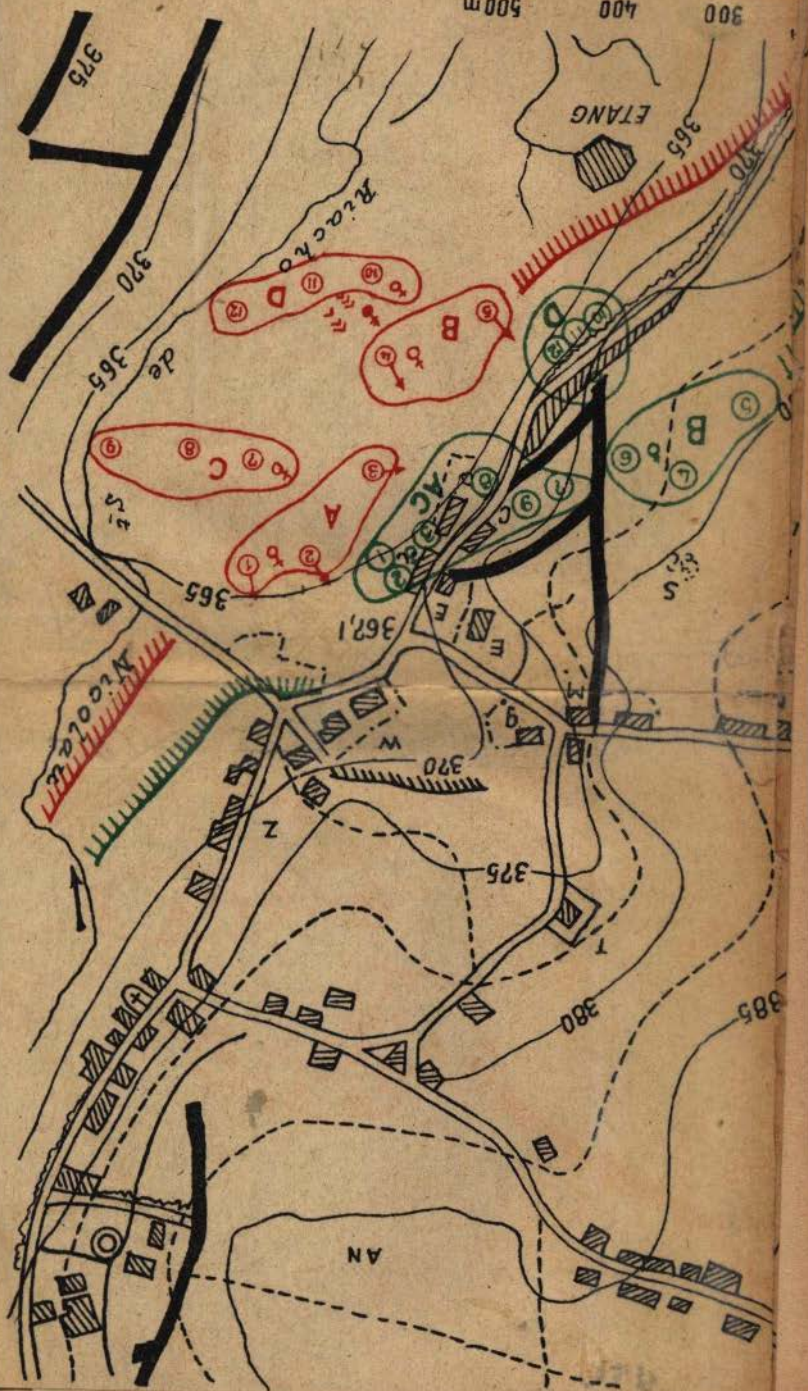
SÃO PAULO

Caixa Postal, 2 J

AV. Agua Branca, 2.000

Carneiras, pellicas, mestiços, vaquetas, bezerros, chromo, buffalo, porco, solas,  
raspas, verniz, etc.





O Cmt. do Btl. diretor do exercicio, rediz a ordem de ataque do Btl., diretor do exercicio, digo limitando-se as prescrições uteis para o Cmt. da Cia. de exercicio.

I Btl. — P.C., 14 de Novembro, ás 2 horas.

## 1

O Btl. enquadrado atacará esta manhã as retaguardas inimigas que tentam retardar nossa marcha, se aferrando ao terreno sobre as cristas a O. do riacho S. Nicoláo.

Ataque por surpresa, sem preparação de artilharia, mas apoiado pela Artilharia de reserva da Divsão, e notadamente por um grupo de 75 especialmente encarregado de apoiar o Btl.

## 2

**Direção geral dos ataques:** De L. a O. (Az. 280°)

**Objetivos sucessivos:**

- 1.º Crista imediatamente a O. do riacho de S. Nicoláo.
- 2.º Crista a S. O. do bosque La Tremblé.
- 3.º Bosque Le Sang.

## 3

**Dispositivo inicial do ataque:**

- a) Em 1.º escalão: de N. a S. 1.ª e 2.ª Cias. (Para direção, objetivos e zonas de ação (vêr croquis anexo).
- b) A disposição do Cmt. do Btl.  
3.ª Cia. em posição inicial ao N. do P.C. actual do Btl. entre o Haut-Bois e a crista a O..  
C. M. I., 2 canhões de 37 m/m, 3 morteiros stocks em posição na região ao N. da estação Vauthiermont, ás ordens do Cmt. da C.N.I..



## 4

**Missões — Manobras previstas**

- b) Direção do ataque:  
1.ª Cia.: as 3 arvores — encruzilhada O. de 372,1 — saliente N. E. do Bosque Le Sang;  
2.ª Cia.: (Como lembrança)
- c) Ocupação do 1.º objetivo pelas 1.ª e 2.ª Cias. sobre a proteção do grupo de 75 de apoio e do grupamento as ordens do Cap. Cmt. da C.M.I. que terão por principal missão a neutralização dos fogos vindos da crista atacada, das orlas S. de Angeot (Vila á nossa frente á direita) e das alturas mais ao N. (Instruções particulares para o grupo de apoio e o Cap. Cmt. da C. M.).  
A 1.ª Cia. deverá caso haja necessidade, facilitar a progressão da 2.ª Cia., cobrindo-a contra os fogos vindos das orlas S.O. de Angeot
- d) Conquista do 2.º objetivo empregando o esforço principal na parte descoberta entre os 2 bosques (La Tremblée e Goute-Bennequin), sob a proteção dos órgãos de fogo do Btl. instalados na crista que constitue o 1.º objetivo e do grupo 75. Terão por missão principal neutralização dos fogos vindos do objetivo atacado e dos bosques que o enquadram. (Instruções particulares).
- e) A 3.ª Cia. seguirá a progressão do 1.º escalão de acôrdo com minhas ordens. Movimento previsto primeiramente na esteira da esquerda deste escalão.

## 5

**Ligações, remuniamento, evacuações**

P. C. inicial do Cmt. do Btl. na via ferrea — corte da crista ao N. da estação de Vauthiermont. Em seguida sobre o itinerario fixado pelo eixo de ataque do Btl.

Dispositivo do ataque no local e pronto ás 6h,30.

Indicarei ulteriormente a hora H.

Evacuação (feridos e prisioneiros) para a saída O. de Vauthiermont.

Centro de remuniciamento do Btl. na extremidade N. da Estação Vauthiermont.

T. C. — Vauthiermont.

Cmt. X.

### III — PREPARAÇÃO DOS EXECUTANTES

Pede-se aos oficiais antes do exercício, estudar o tema e dar por escrito a ordem inicial do Cmt. da 1.<sup>a</sup> Cia.

Todas as indicações gerais dadas a proposito do exercício n.<sup>o</sup> 1 são validas para o n.<sup>o</sup> 2.

Os executantes, pelo menos os oficiais que assistiram ao exercicios dirigidos pelo Cel. já estão ambientados com a situação.

Ser-lhes-á entretanto necessario, aprofundar o estudo da missão e do terreno atribuidos á 1.<sup>a</sup> Cia., assim como, sem omitir as considerações mais largamente desenvolvidas a proposito da manobra do Btl., persuadir-se que se trata agora, unicamente de uma manobra de Cia. com seus proprios meios e um horizonte limitado á capacidade deles.

### IV — PREPARAÇÃO DO DIRETOR

A preparação do diretor deve obedecer ás mesmas preocupações e ambientar-se no exercicio.

O estudo bem detalhado do plano de fogos defensivos do inimigo deverá recair antes de tudo “nos meios de combate aproximado” — na linguagem do regulamento Alemão — pois será sobre tudo contra esses meios que irá lutar nossa Cia. de Fuz. Volt. tanto mais que, os meios de que dispõe não a permite lutar sinão contra aqueles. Ha pois necessidade de organizar um dispositivo tal de fogos que assegure:

- a) a defesa aproximada dum ponto de apoio constituido pela parte meridional da vila d'Angeot e a garupa na qual está parcialmente edificada;



- b) os enjaulamentos a prever e fogos a executar no interior da posição, caso este 1.º ponto de apoio seja tomado, ou unicamente impedido de agir.

O modelado do terreno sobre a caixa de areia será feito na escala de 1/1.000 e a escala deve, com efeito, ser maior, do que a do plano relevo feito para o exercício n.º 1. Faremos manobrar grupos de combate, amarrar o mais detalhadamente possível o emprego das armas e utilização do terreno.

E' preciso pois, correlativamente, uma escala que permita uma maior facilidade e claresa para o manejo dos figurativos; permitindo também uma representação mais minuciosa dos detalhes de altimetria e de planimetria (pequenas cobertas, taludes de trincheiras proximas á saída meridional da Vila, referencias diversas a representar sobre a crista para a qual a carta é muda, pomares, etc.).

O diretor precisará estes detalhes sobre o relevo na medida que julgar util, segundo a maneira pela qual pretende dirigir o exercício fazendo neste sentido, se necessario, for, as hipoteses que julga necessarios (vêr croquis n.º 2). Estas hipoteses, agora permitidas nos limites que acabam de ser indicados, não serão mais possíveis no decorrer do exercício.

Será necessário aliás limitar-se rigorosamente ás realidades do momento e tomar tal qual o terreno figurado, sob pena de prejudicar a qualidade essencial da veracidade do ensinamento e de levar os auditores a um cepticismo desculpável.

Bem entendido, os figurativos preparados devem permitir representar os grupos de combate de côr diferente para cada Pel., numeração regulamentar dos grupos inscrita sobre o figurativo, os Cmts. de Pels. Cmt. de Cia. e grupo de comando.

Além disso alguns figurativos que permitem situar os elementos enquadrados (unidades vizinhas) e as resistências inimigas, que se chegar a identificar e localizar. Inutil procurar mais detalhes; este é um exercício de Cia. não um de Pel. ou de grupo de combate. Ora, o Cmt. da Cia. não manobra com combatentes isolados, mas grupos de combate ou mais verdadeiramente grupos de grupos de combate (Pels.).

**EXECUÇÃO DO EXERCÍCIO**

Todas as indicações gerais dadas sobre este item a propósito do exercício n.º 1 são naturalmente válidas para o exercício n.º 2, como serão para todos os demais.

**I — Instalação**

O diretor lembra resumidamente o objetivo do exercício, tal que êle especificou no tema anterior remetido a cada executante. (ver atrás § a).

Dá o Comando da 1.ª Cia. ao Cap. S. depois da escolha efetuada nos trabalhos preparatórios feitos por escrito.

Quatro Cmts. de Pel. são também designados e recebem os figurativos correspondentes a sua unidade. Cada um se instala em volta da caixa de areia. Os executantes designados em frente ao diretor, e o restante do auditorio á vontade.

**II — Desenvolvimento do exercício**

a) o Cap. S. faz a leitura de sua ordem, cujo extrato é o seguinte:

Escalão de fogo: 2 Pels.

Ao N. Pel. A. frente 200 mts.

Ao S. Pel. B. frente 150 mts.

Direção: — Az. 290°.

Obejetivos: — os fixados pelo Cmt. do Btl.

(um croquis é remetido a cada Cmt. de Pel.)

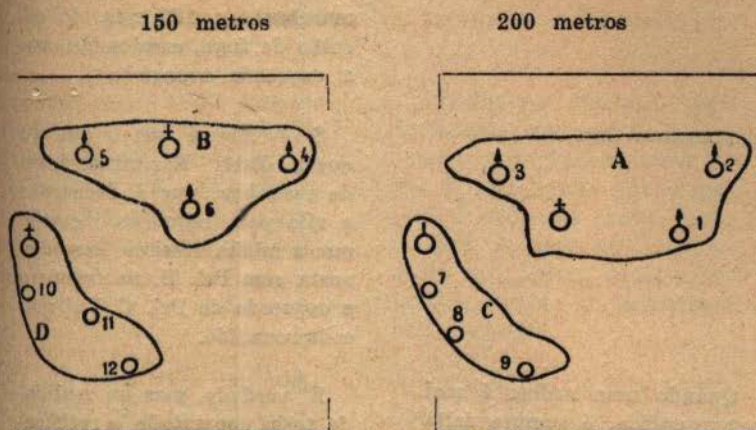
Escalão de reserva: 2 Pels. com a esquerda escalonada marcharão cerca de 150 mts. na esteira dos Pels. de 1.º escalão.

Pel. C. atrás do Pel. A. e Pel. D atrás do Pel. B.

O Cap. marchará na frente do Pel. D.

Após a leitura desta ordem, os Cmts. do Pel. A. B. C. D. são convidados a colocar no local seus elementos a E. da base de partida, no dispositivo inicial resultante das prescrições do Cap. Isto feito, o dispositivo da 1.ª Cia apresenta como indica a figura abaixo:





Croquis n.º 1

- b) Antes de mostrar o que vai resultar deste dispositivo no combate contra os fogos defensivos organizados pelo inimigo, o diretor fará precisar o pensamento dos executantes em adotar este dispositivo.

Não se trata no momento de ressaltar defeitos ou vantagens. Uma discussão teórica deste assunto convencerá muito menos, do que a evidencia de fatos, pois a principal razão de ser dum exercício deste genero é precisamente submeter processos a prova de fatos. O diretor não se prende, no momento a procurar se os dispositivos iniciados são razoaveis e como estão.

Cap. S. os dispositivos tomados por seus Pels. lhe satisfazem ?

S — Absolutamente não: si o escalonamento do Pel. C com a esquerda avançada pode ser explicada pela situação em que se acha, na ala do Btl. não vejo razão para que o Pel. D. tenha tomado a mesma formação.

Pel. D ?

D — Executei a ordem do Cap.: os Pels. de reserva

Exatamente Cap. S.?

Quando uma ordem é mal compreendida, é sempre falta daquele que a dá. Si você quer um escalonamento de suas reservas com a esquerda avançada, porque determinar que os 2 Pel. C e D marchem a 150 metros do escalão de fogo, estando portanto os 2 á mesma altura?

Sua ordem não podia ser cumprida como ela foi dada.

— Voce não terá provavelmente nada constatado nem terá podido retificar.

Não se retifica, sobre o campo de batalha, um erro uma vez cometido

A realidade ei-la; nós aí estamos e é para voce aí se manter que insisto sobre este detalhe. Haverá no dispositivo de seus Pels. mais alguma cousa que não corresponda á sua idéa?

Por que 2 Pels. em reserva?

marcharão a 150 mts. do escalão de fogo, escalonado com a esquerda avançada.

S — Não é isso o que eu queria dizer. Em minha ideia de manobra, que é desbordar a vila pela esquerda, queria que a minha reserva fosse disposta com Pel. D. na frente e a esquerda do Pel. C. Fui mal compreendido.

E' verdade, mas na realidade teria constatado e retificado este mal entendido.

Não; o resto me parece estar bem. Prevejo resistencias sobre minha direita e um ataque difficil para o Btl. vizinho, ao N. Quero neste caso manobrar pela esquerda e reservar para este fim o mais possivel as disponibilidades, é tambem por isso que quero escalonar minha reserva para a esquerda.



Para a esquerda ou com a esquerda avançada?

Ainda um erro de expressão que na ordem, conduziu a um resultado contrário á sua vontade. Em que o dispositivo de seus Pels. de reserva, facilita uma manobra pelo Sul?

O que você tinha em vista na constituição de seu escalão de fogo?

Pel. A. explique seu dispositivo.

Pel. B?

Que ordem você dá aos grupos ns. 4 e 5?

Com a esquerda avançada!

Permite-me infiltrar mais facilmente em caso de necessidade, meu Pel. C atrás do Pel. D. Enquanto que si este Pel. C estivesse muito perto do Pel. A. que está imobilizado, não poderá mais manobrar e seguir o movimento pela esquerda.

Guarnecer toda a minha frente, e dar uma zona mais estreita ao Pel. da esquerda, com o qual espero avançar mais facilmente.

A — 2 grupos em 1.º escalão com 100 metros de intervalo, para guarnecer toda minha zona de ação. Meu grupo em reserva á direita, para cobrir meu flanco em caso de necessidade e fazer a ligação com o outro Btl. Marcho atrás do centro do meu 1.º escalão, porem ao alcance de meu grupo em reserva.

Como não recebi indicação sobre o ponto onde terei de engajar meu grupo disponível, eu o coloco atrás de mim no centro do meu dispositivo.

Atacar em frente pela esquerda das casas. Az. 280°.

E que ordem recebem os grupos ns. 2 e 3?

A — Direção 280°. Objetivo: o caminho da crista paralela a nossa frente, que vai para as cercas que estão sobre a colina. O Grupo 2 contornará pela direita e o grupo 3 pela esquerda, as casas a, b, c, d, e.

Temos seguramente muito a dizer acerca destes diversos dispositivos. Contudo o diretor não insiste, porque por um lado, a discussão sobre o detalhe dos processos de combate adotados pelos Cmts. de Pel. não correspondem ao objetivo do exercício, tal como foi definido e é preciso resistir as tentações que se apresentam para desviar o exercício de sua finalidade. De outro lado, é o desenvolvimento do exercício que evidenciará as faltas cometidas muito melhor do que, o teria feito uma explicação teorica ou um simples apelo ao regulamento: **não basta dizer que ha erro, é preciso prova-lo.**

c) O diretor expõe a situação seguinte, tal como ela se apresenta, dum lado, dispositivos defensivos previamente atribuidos ao inimigo, de outro lado, dispositivos tomados pela 1.<sup>a</sup> Cia. para atacar:

Hora H — Algumas granadas Stokes caem sobre as casas a, b, c, d, e. Outros projetis do grupamento dos órgãos de fogo do Btl. e do grupo de apoio caem sobre a crista constituindo 1.<sup>o</sup> objetivo ,sobre o quarteirão S. O. D'Angeot (casas e pomares g, h, k, e, m, n, o), sobre as moitas p, q, s.

O ataque parte ao mesmo tempo, atravessando o riacho e avança principalmente sem dificuldade.

Mas o apoio de fogo aplicado sobre toda a 1.<sup>a</sup> linha inimiga se suspende á aproximação do ataque e quasi que instantaneamente o fogo inimigo irrompe nos mesmos pontos sobre toda frente da 1.<sup>a</sup> Cia. fuzilaria generalizada, sem localização precisa dos pontos de onde partem os fogos. Tiros de metralhadoras parecem provir das moitas ou circunvizinhanças; do intervalo entre as casas a e b, dos renque de arvores c, e da região w ou t. Toma sob seus fogos, que são mortíferos, a 1.<sup>a</sup> Cia. se aferra ao terreno na situação seguinte:



Os 1.ºs elementos do escalão de fogo estão a uma centena de metros da estrada e de renque de arvores a, b. Os grupos 4 e 5 se desviaram ligeiramente para o Sul em direção ao grande talude que margeia a estrada a O. O grupo 5 acha-se sensivelmente atrás do grupo 4 e o grupo 3 se desviou para o renque de arvore a, afastando-se do grupo 2, que se desviou para o norte de b. O grupo 1 está a retaguarda do grupo 2 e os Pels. c e d estão no dispositivo fixado como acabamos de ver. Não estão ainda na distancia determinada e estão com seus grupos testa a uma centena de metros do escalão de fogo.

O Cap. S e seu grupo de comando estão deitados na relva a 50 metros atrás do grupo 6.

A esquerda do Btl. da direita, tão logo transpôs o riacho foi também detida pelo fogo. A 2.ª Cia. ao Sul atinge a estrada com seu Pel. da esquerda e seu Pel. da direita, detido ao Norte da pequena lagôa, teve que abrir fogo. (Situação assinalada em vermelho no croquis n. 2).

Cinco minutos de reflexão para permitir aos Cmdos. da 1.ª Cia. de se ambientarem com a situação e de raciocinarem sobre as medidas a tomar.

Em tal circumstancia, tropa e Cmdos. bem instruidos não terão evidentemente em combate a necessidade nem a oportunidade de raciocinar durante tanto tempo.

Mas não estamos em combate, e sim na instrução. E' preciso pois, dum lado, permitir aos executantes compreender a situação na qual são postos inopinadamente e de outro, fazer de modo que tenham a possibilidade e mesmo obrigação de raciocinar logicamente suas decisões e atos.

E' somente assim, que os exercicios de quadro atingirão seu objetivo que é: — **aprender a razão dos gestos e de transformar pouco a pouco, tão lentamente quanto preciso a execução destes gestos em reflexos prontos e exatos.** Os exercicios de quadros correspondem á necessidade de analyse, treinamento metodico e progressivo. A sintese, isto é, a aplicação rapida serão objeto de exercicios e manobras com tropa.

O diretor deve, não somente, deixar aos executantes, num exercicio como o nosso, o tempo de refletir, como também obrigar cada um á esta reflexão necessaria.

Pel. B que faz você e agora onde está pessoalmente?

B — Estou com meu grupo disponível, o 6°. O Pel. está detido pelo fogo. Para que ele possa continuar a progressão, é preciso que tenha superioridade de fogo; meus 2 Gr. testa abriram fogo por iniciativa própria na sua frente. O grupo 6° pode também atirar do local onde se acha: dou-lhe ordem de abrir fogo sobre a metralhadora identificada em C.

Porque você atira sobre C que não está na sua zona?

Porque C. atira sobre mim e são os seus fogos que mais me prejudicam.

E sobre o que atiram os grupos 4 e 5?

Nas respectivas frentes sem duvida.

Sobre o que?

Não sei, porque isto está affecto aos Cmts. de Grupo que têm sua missão.

Esta resposta judiciosa lembra ao diretor que estava prestes a fazer desviar o desenvolvimento do exercicio. Seria interessante e frutifero estudar a conduta do fogo dos grupos 4 e 5, impossibilitados em vista do terreno de atirar eficazmente nas respectivas frentes. Este fato porem, não é objeto do exercicio em questão, e ao qual devemos voltar sem nos afastarmos.

O diretor o indica aconselhando aos Capitães para tomar nota dessa situação afim de constituir objeto de um exercicio ulterior nas respectivas Cias. Depois ele volta á questão em apreço:

Então, seus 3 grupos atiram. Você tem a superioridade de fogo, como desejou ha pouco ?

B — Nada mais posso fazer, porque todo meu Pelotão atira.



Tem você superioridade de fogo?

Como o poderá saber?

Com efeito, trata-se de uma probabilidade muito verosímil. Você tem um meio de transforma-la em certeza?

Perfeitamente. E como vê você esta retomada do movimento?

Bem raciocinado. Pel. A, que você faz?

Onde é que você está pessoalmente?

Bom. Eis aí varios pontos que merecem explicações. Procedamos metodicamente:

Não sei.

Si o fogo inimigo que me detem, cessar ou diminuir sensivelmente, espero te-lo dominado.

Procurando aproveitar-me desta calma afim de retomar o movimento para a estrada.

Enquanto meu 6.º G. C. continuar o fogo sobre a região a, b, e 5.ª G.C. primeiramente e depois o 4.º tentarão ganhar o angulo morto mais proximo, depois a estrada e em seguida o corte. Feito isto, o 6.º G.C. lançar-se-á por sua vez sob a proteção do 4.º G.C. ou do Pel. D caso haja necessidade.

Prescrevo ao 3.º G.C. de passar entre as casas a e b, em vez de contornar pelo Sul a casa a. Missão sem modificação para o 2.º G.C.

Ordem do 1.º G.C. abrir fogo sobre a metralhadora identificada em W.

Entre o 2.º e o 1.º G.C. perto da reserva e do lado do meu flanco descoberto.

E' verdade, mas ao N é a um outro Btl. que não conhece. Alem disto as cober-

— Diz você que seu flanco direito está descoberto e contudo você está enquadrado tanto ao N. como ao S.

Conclusão: Apesar do Pel. B estar detido e você estar confiante com relação ao flanco esquerdo ao menos no momento, não acontece o mesmo com relação ao seu flanco direito. Você colocou nesse flanco o grupo disponível e lá pretende estar pessoalmente?

Bem. Cap. S. tome nota de tudo isto, porque voltaremos sobre este assunto daqui a pouco.

Agora, tenente A. como envia a nova ordem ao 3.º grupo?

Agente de ligação ou agente de transmissão?

Este agente morreu ao levantar-se?

Morto igualmente.

Ele não lhe vê ou não lhe

tas da vila e os obstáculos numerosos prejudicam minha visita, arriscando-me a perder a ligação; em suma este Btl. da direita já está detido, quasi no desembocar e não protege meu flanco. A' minha esquerda, a situação é diferente sob todos os aspectos.

Sim; e mesmo os fogos que vêm da zona desenhada do Btl. da direita, me obrigam a lançar mão do ultimo G.C.

Pelo agente de ligação, por ele destacado junto a mim.

Agente de transmissão.

Eu envio um outro.

Darei indicação por sinais ao Cmt. do 3.º Grupo.

Passarei o comando ao...



compreende e você está ferido ao fazer esses sinais.

Não, porque felizmente seu ferimento é leve, mas 2 homens mortos e um ferido, sem que sua ordem tenha podido ser transmitida, prova-lhe que em tal situação um chefe não tendo mais ação, só poderá comandar a voz.

Não se pode desprezar o fogo inimigo.

Talvez, com efeito, mas é uma suposição que nos é interdita. Aqui a realidade, que é a potencia de fogo, com a qual temos obrigação absoluta de contar: a 200 metros de um inimigo senhor do seu fogo, não nos podemos mover. Eis o fato no qual nenhuma suposição otimista prevalece. Temos pois que o admitir e agir consequentemente. Você liga muita importância a esta modificação relativa á missão do 3.º grupo?

Possível, mas é muito tarde para você reparar. O 3.º Grupo está seguindo a missão que você lhe deu, engajado sobre o muro a. De lá lhe atiram e ele responde. Crê que o Cmt. do grupo em plena execução de sua

Portanto, na guerra nem todos morrem e talvez que, na realidade...

Queria reagrupar melhor, o pelotão sobre o direita e retomar o meu 3.º G.C. que me vai escapar, pois não tenho forças.

O Cap. me determinou como 1.º objetivo a crista SO. D'Angeot, e indicou para meu Pel. uma zona de ação. Desde que eu atinja o objetivo e permaneça na zona de ação, conformo-me com as suas ordens.

missão aferrado sob o fogo inimigo e em pleno combate a menos de 100 ms. do inimigo vá cumprir uma outra missão sem mais nem menos?

Admiti-lo seria ainda fazer uma suposição contrária ás mais puras realidades. Não se pode modificar a missão duma unidade engajada e que está sob a ação do fogo inimigo.

Outra coisa: você quer avançar com a sua direita. O Pel. B é conduzido pelo terreno em aproveitar o abrigo, desviando-se para a esquerda.

Resultado, não haverá ninguém no centro.

Que é dos objetivos fixados pela ordem do Cap.?

Cap. S. Você continúa tomando nota, não é?

Tudo isto poderá ser aprofundado como manobra de Pel. Indico aos Cmts. de Cias. esta situação tão interessante rica em ensinamentos.

Quanto ao nosso exercicio de hoje, já sabemos o suficiente sobre o Pel. A: Todos os seus G.C. atiram e seu Cmt. está inquieto em vista do seu flanco direito estar descoberto.

O Pel. vai se dividir em duas partes, que não poderão mais coordenar uma



manobra, sinão com grande deficiencia. Ele tem um objetivo afastado, um pouco vago, mas os 1.ºs obstaculos a vencer não foram suficientemente encarados pelo Cmt. do Pel., que lamenta agora as primeiras ordens dadas. E' tarde porem para modifica-las.

Eis as nossas constatações, com exclusão de toda suposição proibida.

Pelotão D. tem a palavra.

Pronto a agir, o que quer dizer isto?

Bom. E o Pel. C?

D — Estou em reserva e o Cap. está ao meu lado. Alem disso estou imobilizado pelo fogo, não podendo atirar porque o Pel. B. está na minha frente. Não podendo progredir nem atirar, espero, estando pronto a agir.

Estar atento ás ordens que me podem ser dadas pelo Cap., á situação e ás ações do Pel. como tambem da direita da 2.ª Cia. Em suma estudo a posição inimiga e procuro achar sobre tudo os locais de onde partem os fogos que nos detem.

C — Minha situação é semelhante a do Pel. D apesar de estar mais afastado do Cap. e na provavel impossibilidade de receber suas ordens, de acordo com o que se acabou de dizer. Eu tambem espero sem me mexer,

Capitão S., o que pensa disto?

Ten. C — justifique-se.

pronto a agir, observando o que se passa na minha frente e a direita. Todavia a partir d'agora dou ordem ao 7.º G.C. que está comigo, para abrir fogo do local onde se acha, tomando para objetivo o intervalo existente entre as casas a e b.

S — O Pel. C, que está em reserva á minha disposição, não deveria se engajar sem ordem, salvo em circunstancias urgentes. Na situação atual não creio que haja necessidade immediata de agir, sem que julgue adequado o emprego do Pel.

C — Estou muito longe do Cap. para lhe comunicar o que ocorre. Ora, o inimigo atira sobre mim a 200 metros; a situação do Pel. A faz com que ele se divida na minha frente, em duas partes. A lacuna resultante está justamente na frente do 7.º G.C. e que ninguem do Pel. A atira sobre o inimigo instalado entre a e b. Nessas condições ordeno que se inicie o fogo, pois que, posso atirar sem prejudicar ninguém, não podendo permanecer sob o fogo inimigo sem responde-lo. Atiro, é verdade, mas não me engajarei sem ordem do Cap., o que me per-



Cap. S. Continue a tomar nota.

Ten. C. qual é a diferença que faz entre um Pel. que atira e um engajado?

mite continuar a sua disposição ,visto não me ter deslocado.

Parece-me que estar engajado, é ter recebido uma missão definida e ter começado a combater para executá-la. Assim está o Pel. A, está engajado pois que tem um objetivo preciso a conquistar, crista d'Angeot e por isso se bate para atingi-lo. As circunstancias porem, podem incitar ou obrigar a atirar sem que se tenha tido uma missão nitidamente determinada. Tal é o meu caso. Apesar de estar atirando, continuo disponível para qualquer missão que o Cap. m'a queira dar... e quando eu puder me deslocar.

Todas as constatações que acabam de ser registradas e explicadas suficientemente pelos proprios autores, explanam com bastante clareza a situação da Cia. Tal é pois o resultado dos dispositivos iniciais prescritos pelo Cmt. dessa Cia. cujas vantagens e sobretudo os inconvenientes ressaltam com uma evidencia incontestavel. O diretor, porem, para atingir seguramente, ao 1.º dos dois objetivos a que se destina esse exercicio, deve reforçar a demonstração dos fatos, obrigando as atenções dos presentes á gravar os ensinamentos essenciaes que ele procura. É-lhe preciso, por meio de uma propedeutica adequada conduzir principalmente o Cap. S. a reconhecer esta lição de coisas. Os executantes facilmente a colhem e retêm um ensinamento que acham ou crêm ter achado espontaneamente, mostrando-se ao contrario na maior parte das vezes, bastante refractarios á uma demonstração doutrinaria

que contraria opiniões ou condena seus atos. O papel do diretor é pois de auxiliar, provocar, tanto quanto possível, essa descoberta.

Cap. S. Vejamos agora onde estamos. Penso que frizou bem a situação de sua Cla. no momento, não é?

E o que pensa então?

Efetivamente. Mas, isto tudo não é tão tragico assim. Si pudesse fazer qualquer coisa o que faria?

Não se preocupe por isso, pois seguramente, o Cmt. do Btl. vê muito bem, a sua situação. Creia, que ele fará o que puder para lhe auxiliar. Isto porém, não lhe alivia diretamente, visto estar o Maj. sem ação sobre as resistências aproximadas que lhe detêm. Você está muito proximo delas, para que os canhões e morteiros possam atirar, e o combate aproximado é unicamente de sua atribuição. Cessemos pois de olhar inutilmente para trás. E' para a frente que precisamos de nos ocupar.

Sim, perfeitamente.

Nada de brilhante visto estar inteiramente detido e em suma nada podendo fazer. Nem eu nem meus agentes de transmissão podem se mover.

Mostrava minha situação ao Cmt. do Btl. e pedir-lheia o apoio dos fogos de que dispõe para auxiliar o meu 1.º escalão para reiniciar o movimento.



Na frente, o que é que lhe importuna?

O Pel. A vae agora, de fato trabalhar na direção de 3 pontos cardiais diferentes, deixando um vasio incomodo no meio da zona de ação. E agora? Porque não se pode admitir o impossivel como já nos entendemos. De onde provem essa dissociação do Pel. A?

E' dada a palavra ao Ten. A para apresentar a sua defesa.

O Pel. A vae ser dividido em 2; o 3.º G.C. já está isolado e temo que o resto do Pel. seja obrigado a fazer a W. ou a t em lugar de cumprir sua missão.

Agora desejaria a reagrupar este Pel. sobre a direita como queria fazer o Ten. A, porem o senhor não admitiu.

Da ordem inicial de seu Cmt., prescrevendo de contornar a casa a pelo sul e a casa b pelo norte.

A — Tenho na minha frente 2 grandes construções quasi contiguas, que minha zona de ação desborda pelo norte e pelo sul. Não podendo atravessar os muros, fui obrigado a contorna-los. Poderia ter engajado os 3 G.C. e dirigir o 4.º para o espaço entre as duas casas no que fui impedido pelo meu flanco direito que estava descoberto. O que aconteceu, provou de fato, que eu tinha razão em me preocupar com este flanco. Uma frente de 200 metros, com um obstaculo transversal dessa natureza, é demais para 1 Pel. cujo flanco está exposto.

A defesa se transforma em

S. — De fato a frente tal-

requisitoria. Cap. S., eis sua ordem inicial posta em discussão.

Que pensa?

E' preciso sempre prever a resistencia do inimigo e tomar disposições para triunfá-las. Si você a tivesse previsto que disposições teriam sido tomadas?

Seja. Mas esse objetivo que lhe leva agora a engajar 2 pelotões, não surgiu inopidamente. Já existia quando você deu a ordem, e bastava a sua presença, mesmo sem resistências inimigas para impôr a dissociação do Pel. A. Porque não fez referencia alguma a esse obstaculo, e nem sequer com ele se preocupou?

Será que o papel do Cap. é de limitar-se a reproduzir a ordem do Cmt. do Btl.?

E você pode constatar, que isso não basta. Antes de atingir a crista, os Pels. têm obstaculos a vencer, que podiam ser previstos e levados em consideração por você quando applicasse a ordem do Cmt. do Btl. Crê que o Pel. A neste momento se preocupa mui-

vez fosse um pouco exagerada para o Pel., A. mas eu não previa resistencias, desde o 1.º contacto.

Poria os 3 Pelotões juxtapostos. O Pel. B com a mesma missão e os 2 outros com a missão de contornar o quartirão a, b, c, d, e, f, um pelo Norte e outro pelo Sul, cobrindo a marcha do Pelotão B.

Reproduzi em minha ordem os objetivos fixados pelo Cmt. do Btl.

Reparti o objetivo pelos Pels. dosando a frente segundo a minha idéia de manobra.

Certamente. Mas o primeiro papel do capitão não é "assegurar o movimento para a frente na direção designada? Deveria ter precisado os objetivos sucessivos de meus Pels. mas fui dominado pela ideia de atingir a crista, de avançar.



to com o objetivo VX e com a direção do 280° que você determinou? Ele tem outros "gatos a chicotear".

Nas ordens que vocês fizeram, não falam sinão de "zona" e de "ângulo" de marcha. Ora, desde que o combate se engaja, os obstáculos, os "objetivos" que vocês se descuidaram de indicar, impõe-se brutalmente às atenções fazendo com que zonas e bússolas sejam imediatamente esquecidas. Agora, deixados pelos respectivos Cmts. no indeterminado, os subordinados procuram, por si mesmo, objetivos mais precisos ou então se conformam com a sorte. Em suma vocês não comandam. A manobra duma Cia. não é somente questão de frente mais ou menos larga, e sim uma combinação de esforços sucessivos, estreitamente ligados á natureza e á situação sobre o terreno dos obstáculos reais, minuciosamente determinados. Creio que vocês tiveram vistas longínquas e muitas largas, próprias para Cmts. de Btl. e mesmo para Coroneis, mas nunca para Capitães. Ora vocês não possuem os mesmos meios de ação que tem um Cmt. de Btl. além dos papeis que são completamente diferentes.

Tem razão. Mas não basta querer avançar, é preciso também pensar como avançar. E' inutil tentar eliminar os lanços, porque o inimigo lhe obrigará voltar a atenção para os que são necessários e que não foram previstos. Por quem foi detido agora?

E com que pode lutar contra êle?

Bem. Eis-nos na fonte de toda a verdade do combate: "Para assegurar o movimento para a frente, é preciso", acrescenta o Regulamento, o que voce acabou de citar muito a proposito: "Por aos fogos toda a intensidade necessária". Está certo de ter feito tal coisa?

2 Pels. Então "normalmente" como voce disse, correspondem a 4 G. C. no escalão fogo propriamente dito e como foi realizado. Acontece, porem, que logo ao primeiro encontro, você tem 7 G. C. que atiram e são obrigados a atirar. Portanto, você calculou mal a "intensidade necessária".

Nem por antecipação, nem a "posteriori" a superioridade de fogo não pode ser medida pelo numero de armas

Pelo fogo inimigo.

Com meu proprio fogo.

Parece-me pois adoptei para a minha Cia. um dispositivo com 2 Pel. no escalão fogo, o que é normal.

E' bem difficil adivinhar com antecedencia, o que seria necessario pôr em linha para obter a superioridade de fogo.

Pelo fato de se poder avançar.



postas em 1.º escalão. Como o Ten. B. disse muito bem, a plenitude de fogo não é necessariamente a superioridade de fogo, que não é medida e sim constatada. Sabe como?

Sim, por isso e unicamente isto. E' preciso portanto adaptar uma outra regra, quando se monta um dispositivo de ataque, cuja aplicação assegura ao maximo a probabilidade de se obter a indispensável superioridade de fogo. O Regulamento não dá essa regra?

O Regulamento não recomenda, ordena. Esta plenitude, "deve ser realizada desde o inicio do ataque" e mantela, deverá ser objeto essencial de todos os esforços no decorrer do combate. Em que consiste a plenitude de fogos?

Em 1.º escalão, ou pelo menos em condições de abrir fogo sem movimentos previstos. E o que é necessário, para que o fogo, o fogo de seus F. M. bem entendido, não apresente lacunas?

Sim, mas é preciso continuar: "necessario para guarnecer toda a frente" levando-se em conta "a extensão desta frente, o aspecto do terre-

Ele recomenda a realização da plenitude de fogo, mas...

E' preciso ter-se em 1.º escalão um numero suficiente de armas, para que o fogo se apresente sem lacunas, mas...

Nada ha de absoluto. O Regulamento diz que o cap. "constitue seu escalão de fogo com o numero de Pels. que julga necessário".

Não se pode adivinhar todas as resistencias que irão se revelar.

no e as resistencias a prevêr".  
Observou bem tudo isto?

Não, mas é prudente preve-las em toda parte, sobretudo na nossa frente onde assegurar-se-á fogos sem lacunas.

Não, porque debaixo de fogo, você nada poderia fazer neste sentido, como bem o sabe. Ser-lhe-ia possível deslocar algum G. C. do Pel. C ou D para leva-lo ao 1.º escalão? E' preciso pois, estar de antemão, o mais forte possível. Si não houver resistencia inimiga, você não empregará suas forças, que então serão economisadas. Si a resistencia é localisada, você concentrará sobre ela sua força, para abate-la completa e rapidamente. Então plenitude de fogo instantanea e sem lacuna sobre toda frente. Si applicarmos esta simples regra ao seu dispositivo, a que resultado chegaremos?

Ou pelo menos, em situação de abrir fogo "instantaneamente" sem movimentos previos. 7 G. C. é precisamente o que você tem em ação, sem que nenhum movimento tenha sido necessário. O dispositi-

Seja, mas si eu não encontrarei resistencia em logar algum? Teria gasto inutilmente minhas forças, enquanto doutra maneira, poderia reforça-las na medida do possível, segundo as circunstancias.

Para uma frente de fogos sem lacunas, o Regulamento indica um intervalo em media de 50 metros entre os F. M. Assim sendo, para a minha frente de 350 metros, serão precisos cerca de 7 G.C. em primeiro escalão.

De fato, porque não calculei este resultado. Tanto mais que entre estes 7 G.C. existe um pertencente á minha reserva e que parece estar em vias de me escapar, segundo declarações do Tén. C.



vo respondeu pois ás prescrições regulamentares, mas acredito que não foi por sua culpa.

E de quem é a culpa?

E' que talvez, não baste se prescrever uma distancia. Os Pels. C e D mesmo que colocados a 150 metros atraz dos Pels. A e B estavam ao abrigo dos tiros dirigidos sobre o escalão de fogo?

O Regulamento não pode dar sinão, regras gerais. Os executantes, ao contrário, estão sempre em casos particulares, aos quais é preciso adaptar essas regras. Quais são as dadas pelo Regulamento, relativamente ao local das reservas de companhia e á respectiva conservação em estado de disponibilidade?

Não ha outras prescrições sobre o mesmo assunto Capitão M?

Sim, e o regulamento não deixa nunca de lhe dizer que as suas prescrições, principal-

Dos Pels. de reserva que cerraram demais sobre o escalão fogo, não observando a distancia que lhes prescrevi.

No caso particular não; mas o Regulamento...

A profundidade do dispositivo da Cia. não deve ultrapassar de 400 m. e eu tomei a distancia correspondente.

M — Tanto esta distancia como a profundidade do 2.º escalão variam segundo o terreno, conforme os abrigos ou caminhamentos que se encontram e tambem de acordo com a situação.

mente as referentes ás cifras, são validas sómente "em principio", não nos dispensando, entretanto, de refletir sobre o caso. São estas as razões gerais.

Sim, e ao Capitão "cumpre-lhe fazer com que a reserva permaneça disponível e não se confunda com o 1.º escalão. Eis aí as regras gerais. Como se podia applica-las, nas margens do Riacho S. Nicolau, em 14 de Novembro, na situação bem definida em que nós nos encontramos? Cap. S.?

Póde sim, pois que, si você já passou, sem motivo plausível, por cima da regra de plenitude de fogo, pode sem mais escrúpulos, livrar-se destes 400 ms. tendo assim excelentes razões para aplicar as outras prescrições, que acabam de ser lembradas pelo Cap. M

Não seria melhor, que em logar de você se apegar unicamente à esquemas, examinasse o terreno e a situação e então adotar os seus dispositivos?

Seja. O incidente está encerrado, pois que todos nós

Si pudesse me livrar da regra dos 400 metros eu...

Si assim é teria sido preferível de fato, não fazer com que o Pel. C desembocasse tão depressa a O. do riacho S. Nicolau. Era esta, além disto, a minha primeira idéia ao prescrever o escalonamento de minhas reservas, com a esquerda avançada.

Tanto mais eu concordo, que tinha o maior empenho em



já estamos de pleno acordo sobre o essencial, isto é, da necessidade de não se aplicar às cégas as prescrições obrigatoriamente generalizadas pelo Regulamento, e sim adota-las conscienciosa e minuciosamente às situações materiais que solicitam nossas decisões. Você já se convenceu, pois, de que não havia urgência em ultrapassar com as reservas o riacho S. Nicolau, ultima coberta antes de abordar o inimigo.

Você tinha previsto na sua manobra, um outro emprego para este Pel.?

Sem duvida. A condição todavia, para que esta mudança seja justificada, é que corresponda sempre, á melhor realização possível da missão, ou melhor que seja executavel, isto é, que as novas tropas a engajar estejam effetivamente disponiveis. Não adeanta discutir, pois que o Pel. C está inutil para este fim ,pelo menos no momento. Resulta disto, que o seu flanco direito está descoberto e você não lhe pode dar remedio.

reservar disponivel este Pel. C, porque bem vejo que ia ter necessidade de engaja-lo pelo menos em parte, para me cobrir contra a região N. e NO. de Angeot.

Sim, mas não é proibido mudar-se de ideia, diante das exigencias reveladas pelo combate.

Com exceção da ultima, as condições indicadas foram realizadas.

O Pel. A pode assegurar esta cobertura, e além de tudo, é isso mesmo o que ele faz.

provenientes da crista das Tres Arvores do quarteirão o e g; das regiões t e r; dos Bosques La Tremblé e Goutte Bennequin. Além disso, os tiros do escalão de fogo da 1.ª Cia. puderam dominar em parte os fogos aproximados da defesa, principalmente os provenientes do muro C.

Nestas condições, o movimento de 1.ª Cia. pode continuar.

No momento em que retoma o movimento, a sua situação é a que está indicada no plano relevo. (Situação desenhada em verde no croquis n.º 2).

A direita pode alcançar a região p, a, b, mas está engajada num combate encarniçado e bastante confuso, contra uma resistência que aproveitando tudo quanto é obstáculo, resiste até ao corpo a corpo. Não se progride mais. Os Pelotões A e C além disso, acham-se misturados porque este ultimo irremediavelmente foi levado a tomar parte no combate do escalão de fogo.

O Pel. B atravessou a estrada e progride sem dificuldades, para a crista das Tres Arvores. Seus G. C. estão no momento desenhados dos fogos provenientes da crista e da região x, n.

O Pel. D avançou para a estrada e aí está disponível, completamente desenhada tanto das vistas, como dos tiros inimigos.

O Cap. chega ao bordo do talude do corte que margeia a estrada a O.

O Btl. da direita, sempre detido, pode unicamente avançar a ala esquerda até a encruzilhada, graças o ligeiro avanço do Pel. A. A 2.ª Cia. não encontrando séria resistencia pela frente, avança sensivelmente á mesma altura e pela esquerda do Pel. B..

Cinco minutos de reflexão e depois o estudo das decisões que comporta a situação.

Pel. B. o que faz?

B — Poderia avançar ainda mais um pouco, porem a direita da Cia. estando detida, penso que,...

Dê a sua decisão, sua ordem !

— Ordem ao 5.º G. C.: avançar até onde possa atirar sobre as Tres Arvores e o muro V. Aí entrar em posição e abrir fogo.



— Cap. S. você vê do P.C. a situação e o movimento do Pel. B. O que pensa de tudo isto?

Enquanto V. espera que as ordens do Ten. B se executem e venha a vitória ou derrota da batalha engajada pelo 6.º G. C. um agente de transmissão lhe traz uma informação do Cmt. da 2.ª Cia. dizendo que: "atingiu pela esquerda ,a crista das proximidades do ponto cotado 382,1. Mas recebendo em parte, fogos provenientes do N. e estando detido o Pel. B, não pode mais avançar, apesar de não encontrar nenhuma séria resistência pela frente pede-lhe para que cubra o seu ataque, de acôrdo com as prescrições da ordem inicial do Cmt. do Btl."

O que você decide e o que vai responder à 2.ª Cia.?

— Ordem ao 4.º G. C.: Avançar na direção de S e entrar em posição num local de onde possa bater x e n. Iniciar logo o fogo.

— Ordem ao 6.º G. C.: infiltrar-se entre S e P e tomar de revéz as resistencias que detêm a direita da Cia.

— Espero o resultado da manobra do 6.º G. C. Si a ação desse G. C. não for suficiente, apoia-lo-ei com o Pel. D., aproveitando-me da cobertura que os 4.º e 5.º G. C. asseguraram neste desbordamento.

Respondo ao Cmt. da 2.ª Cia. indicando-lhe a situação em que me acho, e a necessidade para a 1.ª Cia. de reduzir a resistencia que detem a sua direita, antes de retomar o movimento para O.

O 6.º G.C. desviou-se na direção das moitas e contornando-as por O juntamente com o 8.º G. C. entrou também no combate travado pelos elementos reunidos sob as ordens do Ten. C. Por fim, chega-se a atingir a linha p, d, b. E' impossível ultrapassar a pequena crista, determinada por S, e, pois desde que se lho tente, fogos mortíferos inimigos, partem de l, k, h, e g ou proximidades.

A defesa está em condições de se segurar fortemente em f e w e assim o faz. Decisão?

Sempre a mesma ideia?

Com que?

E a ordem inicial do Cmt. do Btl. "Cobrir o movimento da 2.ª Cia"?

Ordem ao Pel. D para atacar tomando como objetivo a casa k. Todo o resto da Cia. com excepção do 5.º G. C., enquadra e cobrirá este ataque com seus fogos.

Sempre. Quero reduzir esta resistência, auxiliar assim o Btl. da direita a avançar. Tenho ainda uma reserva e a emprego agora para este fim. Desde o momento em que, minha direita fique recomposta e coberta, poderei reiniciar o movimento.

Peço reforço ao Cmt. do Btl.

Cumpro-a, atacando como o faço. Além do mais, nada de melhor posso fazer, porque estou detido, e os meus Pels. tem que fazer face ás resistências e aos fogos provenientes do N. com os próprios meios.



Mesmo o Pel. D?

Seja. Mas no momento em que você vai dar esta ordem ao Ten. D, um grave ferimento lhe põe fóra de combate. O Ten. D, que se torna seu substituto eventual, assume o Cmdo. da Cia. e o Sgt. Aux. assume o do Pel. de Res. Vocês dois já conhecem a situação da Cia. e das vizinhas. Ten. D o que decide?

Os tiros sobre esses objetivos foram quasi todos suspensos, quando se viu do P. C. do Btl., a 2.ª Cia. atingir a crista e o seu Pel. B se deslocar para S. Atira-se ainda algumas rajadas intermitentes de metralhadoras na direção da região O. sendo o grosso dos tiros transportado mais para O. e para La Tremblée.

— Não explique, mas dê as suas ordens, cujas justificações ser-lhe-ão pedidas, se assim achar necessario.

Não, evidentemente. Mas, para melhorar esta situação, torna-se necessario que empregue minha reserva.

D — Desejava saber de que natureza é o apoio de fogo fornecido neste momento pelas metralhadoras e canhões dirigidos pelo Cmt. do Btl. Notadamente atira-se sobre o quarteirão S. O. de Angeot e a crista das 3 arvores?

Sendo dado esta situação e das unidades que enquadram a 1.ª Cia. creio que a melhor situação...

1.º — Pedido ao Cmt. Btl. para prescrever o reinício do fogo, tão violento quanto possível sobre todo o quarteirão **o x g** da vila de Angeot.

2.º — Ordem ao Pel. D para atacar na direção da crista das Tres Arvores, tendo como objetivos a cerca o Oeste do muro **v** e as Tres Arvores. Este Pel. levará o seu ataque

até encontrar uma posição tal, que lhe permita atirar sobre a margem Oeste do riacho de L'Etang e as orlas do bosque La Tremblée.

3.<sup>a</sup> — O 4.<sup>o</sup> G. C. colocado em S e os agrupamentos C apoiarão e cobrirão pelo fogo o ataque do Pel. D, tendo como objetivo o quartelão o n m l e k. Os agrupamentos A e C suspendendo as tentativas de progressão à viva-força pelo norte, aproveitarão toda e qualquer oportunidade para volver a frente a Oeste, ocupando e f H etc. e auxiliar pelo fogo, o avanço do Btl. da direita.

4.<sup>a</sup> — Logo que seja ultrapassado pelo Pel. D, o 5.<sup>o</sup> G. C. passará para reserva do Cmt. da Cia. devendo vir para a ravina a 100 ms. ao Sul de S. O Ten. C. reconstituirá um grupo (1 Sgt. 10 homens, 1 F. M.) para ficar à disposição do Cap., ao sul da moita p. O Ten. A procederá da mesma maneira, ficando o grupo no muro d.

5.<sup>a</sup> — O Cmt. da Cia. instalará o P. C. a Oeste da moita p. O Ten. B disponível, virá para este ponto, logo que o Pel. D. ultrapasse os 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> G. C.



— Bom. Em resumo: — pedido de apôio dos fogos do Btl. sobre a sua direita; reinício do ataque com a esquerda, atitude de expectativa na direita e reconstituição das reservas empregadas.

Vejamos um pouco de tudo isto: Por que este pedido de apôio foi dirigido ao Cmt. Btl.?

— Como você transmitirá este pedido ao Cmt. do Btls?

E por que não foguete? Pois segundo o código que com toda certeza lhe foi indicado, poderia pedir “reinício de tiro 1.º objetivo”.

Dentro de quanto tempo você espera ter o seu pedido satisfeito?

Por que este ataque à esquerda e uma parada voluntária à direita, apesar das ra-

Meu ataque tem necessidade de ser coberto pela direita, ao menos por fogos, visto eu não poder atacar no momento a região de onde proveem os tiros que nos prejudicam. Não tenho sinão uns poucos grupos, em situação de atirar na direção o, n, k. O reforço de fogos do Btl. parece-me assim indispensável sendo possível a sua execução, pois que, não progride agora nessa região.

Pela ótica (ótica de 10, ou sinalização a braço) pois certamente vêm-se do P. C. do Btl. Confirmação por mensageiro.

Porque assim o tiro se reiniciaria sobre todo o 1.º objetivo. Ora atacando de mais perto, o muro v e as Tres Arvores, não me convem que se atire mais sobre esses objetivos. Visto isso, prefiro um processo que me permita precisar o pedido feito.

Não sei, pode ser que demore. E' por isso que começo por fazer este pedido, antes mesmo de dar as ordens ao Pel. H.

A ordem que eu tenho é de atingir a crista das Tres Arvores e cobrir o ataque da

zões contrárias, dadas ha pouco pelo Cap. S?

Seja. Mas não deve você levar em conta a importância de sua direita e a parada do Btl. do mesmo lado?

Por que você pensa que é inutil um esforço pelo N.?

O que você entende por "avançar o mais possível para O" ?

Bom; voltaremos a falar

2.ª Cia.. Tenho um Pel. descansado e ainda posso progredir pela esquerda, pois por aí não tenho séria resistência. Em vista disso, posso cumprir a ordem e executo-a tanto quanto possível.

Sim, levo-a em conta nos meus dispositivos remuniciando a um esforço inutil e custoso da minha direita, a qual no momento não peço sinão para atirar. Não ha, portanto, na medida do possível, nada que possa me impedir no prosseguimento de minha missão, que é para Oeste e não na direção do N.

Não o creio inutil, e sim de de 2.ª urgencia. Consagrar os meus ultimos esforços para procurar conquistar e, f ou ainda h é menos util à minha missão, mesmo que o consiga, do que avançar o mais possível para Oeste afim de, pelo menos cobrir o ataque da 2.ª Cia.

Já o definí, ao designar como objetivo para o Pel. H. a crista das 3 arvores e ao determinar, que até segunda ordem, lá ficasse em posição, mantendo-se em ligação com o resto da Cia.

— Poderia; e até mesmo



sobre isso. Antes, porem, precisemos um ponto: Você retoma o 5.º G. C. uma vez ultrapassado pelo Pel. R. Não poderia fazê-lo partir com esse Pel.?

Admitamos que isto seja possível no que concerne ao 5.º G. C. Não será porem mais duvidoso, quanto aos grupos que você pede aos Tens. A e C?

Raciocinio perfeitamente justo, como todos os outros que você deu até aqui.

Isto não impede entretanto, que a reconstituição de sua reserva seja um pouco esquemática. Mas nós não podemos nos aprofundar num trabalho na carta sem cairmos no "romance". Retenhamos pois, sómente a ideia que é justa.

— Sgt. Aux. H. nós dois agora. Graças ao apôio de fogos do Btl. dos determina-

assim se evitaria u'a manobra de passagem de escalão, não prevista pelo Regulamento, no âmbito da Cia. Sou porem forçado a fazê-lo uma vez que quero reiniciar a manobra da Cia. na direção determinada pela ordem. Por outro lado, alem disso, é necessario deixar o 4.º G. C. onde se acha, por estar bem colocado, para cobrir com os seu fogo, o Pel. R. Nestas condições, prefiro constituir uma reserva com o 5.º G. C. e com o Ten. B.

Talvez, de fato mas nada perco em experimentar aligeirar a minha direita, que não precisa de muita gente para cumprir o que lhe peço, e reconstituir os meus meios de ação. Dessarte terei grande proveito si tal puder ser executado.

Tenho ordem para entrar em posição, de maneira a poder atirar sobre a margem Oeste do riacho L'Etang. Avanço até onde possa vêr esta margem e ali paro, pronto a abrir fogo sobre a minha frente ou sobre as orlas do bosque la Tremblée.

dos pelo Ten. D assim como, pelas boas medidas que você certamente tomou o seu ataque logrou exito. Você chega às 3 Arvores e o muro v está deserto. Nenhuma resistencia na sua frente, e os tiros provenientes da região OH parecem extintos, alem do que, você está ao abrigo das vistas dessa região. A 2.ª Cia reinicia a progressão e desce para o riacho L'Etang. O que faz você? Como procederá?

A 2.ª Cia. progride bem e atinge o riacho. Alguns fugitivos inimigos surgindo da região O e outros atravessando o riacho na sua frente, fogem na direção do bosque La Tremblée. Decisão?

A 2.ª Cia. atravessa o riacho e se dirige para Goutte-Bennequim.

Na sua frente e na direção de La Tremblée, nada mais ha, só o vazio. Nem um tiro inimigo. Decisão?

Mas você não se desloca?

Por que?

Bem, mas desde que foi dada essa ordem, o aspecto das coisas se modificou. Você sente o vazio na sua frente e

Atiro sobre êles e comunico ao meu Cmt. de Cia.

Aviso ao Ten.

Não.

Porque é a ordem.

Talvez, mas...



seus companheiros avançam.  
Não seria bom que avançasse  
também?

Mas o que?

E si você não avançar, a  
perderá com a 2.ª Cia.

Por que?

E com a sua Cia.?

Perde-la-á unicamente por-  
que vocês não se vêem mais?

E o que mais?... O que  
você acabou de dizer com re-  
lação à ligação com a 2.ª Cia.?

Isto mesmo. Tem razão em  
não se deslocar. Mas você ape-  
sar disso, não deve manter o  
contacto com o inimigo?

E então onde é que está o  
inimigo agora? Está ainda em  
C ou nas orlas do Bosque La

Si avançar perco a ligação  
com a minha companhia.

Oh! não, ainda tem tempo.

Porque a verei até ultrapas-  
sar a crista ou desaparecer no  
bosque, e depois, porque es-  
tou sempre em condições de  
atirar para auxilia-la.

Si avanço, enquanto os ou-  
tros Pels. permanecem nos lu-  
gares em que estão, não os  
verei mais e aí, a ligação fi-  
cará perdida.

Estarei muito longe de meu  
Cmt. de Cia.

Si eu deixar a crista onde  
estou, não poderá mais combi-  
nar os meus tiros com os dos  
grupos que ficarem na outra  
encosta e haverá lacuna nos  
tiros da Cia.

Sim, senhor.

Não o sei.

Tremblée? Você o viu fugir. Será isto uma informação suficiente, e assim terá o contacto?

E' preciso sabe-lo entretanto!... Como fazer então, uma vez que o seu Pel. não póde avançar?

Tão longe?

Qual o limite que você fixará para a sua progressão?

Por que?

Perfeitamente. Ten. D o que tem a dizer sobre tudo isto?

Exatamente. Si esta ruptura se produzir, como você poderá concertá-la?

Posso enviar uma patrulha para a casa O, afim de ver se ainda ha alguém por lá. Posso tambem enviar uma outra para o riacho de L'Etang e até mesmo às orlas SO. do Bosque La Tremblée.

Penso que sim, pois a verei durante todo o tempo.

A crista na minha frente e a orla do bosque.

Porque daí em diante não as verei mais.

D — Nada, visto aprovar a maneira de ver e agir do Sgt. Aux. H. Sómente uma cousa: E' o alcance util de seus F. M. (tipo 1915) que não lhe permite um bom trabalho de fogo sobre as orlas SO. do Bosque La Tremblée e crista. contigua. Penso pois, que a ligação pelo fogo com a 2.ª Cia. seria perdida mais depressa do que o Sgt. pensa.

A 1.ª Cia. nada poderá fazer, a menos que a minha direita se veja livre. Assim poderá reconstituir algo para avançar ou pelo menos



substituir o Pel. H. em Tres Arvores afim de lhe permitir avançar.

E si você não puder fazer nada disto?

A ligação então, deverá ser estabelecida pela reserva da 2.<sup>a</sup> Cia. ou melhor, pela do Btl., pois doutro modo, penso que aquela Cia. ver-se-ia novamente obrigada a se deter na progressão.

Tambem penso assim. Mas si as patrulhas do Sgt. Aux. H. lhe informam sobre o vazio que existe?

Tomo providências imediatamente sobre a questão local, cercando as resistências obstinadas. Só poderei seguir as patrulhas e retomar o contacto, com a Cia. mais ou menos em ordem. Si não o conseguir fazer, ficará este trabalho mais uma vez a cargo das reservas do Btl.

O diretor julga suficiente a demonstração dos pontos essenciais, que constituem o objeto do exercicio. Além disso, o trabalho prolongou-se mais do que o previsto, sendo necessário termina-lo, sob pena de ultrapassar os limites de uma atenção proveitosa.